

# Cidade e programação cultural. O caso do Porto em 2001

**Paulo Cunha e Silva**

## **Resumo**

Reflexão sobre o Porto 2001, capital europeia da Cultura, a partir da experiência pessoal do autor, enquanto responsável pela programação das áreas de pensamento, ciência, literatura e projectos transversais.

A metáfora que nós usamos para desenvolver toda a programação cultural era a metáfora das pontes. E, além disso, desejávamos que essas pontes fossem não só pontes entre o estado das coisas e a causa das coisas, ou seja, pontes entre o presente e o passado, mas sobretudo pontes para o futuro.

Porquê as pontes? Porque, sob o ponto de vista simbólico, elas representam a cidade. A cidade do Porto é imediatamente reconhecível através das suas pontes. E a sua história pode também contar-se através das suas pontes: das que desapareceram e das que se adivinham. Além disso, a lógica da ponte é uma das lógicas mais ricas em termos de programação cultural. E aqui a ponte passava sobretudo a ser uma metáfora. Pontes entre as pessoas, mas sobretudo pontes entre as diferentes áreas do conhecimento.

Nós pretendíamos uma programação cultural justamente fundada nessa lógica da rede, na lógica da ligação, na lógica da conexão. Mas também uma programação inspirada na metáfora da cidade enquanto espaço físico. Uma cidade é sobretudo um local de cruzamentos, não há cidades feitas só com ruas paralelas. As cidades são locais em que as pessoas podem mudar de direcção quando querem e, justamente, quando pretendem chegar a um qualquer lugar. Também no âmbito do conhecimento contemporâneo e no âmbito da cultura contemporânea é necessário mudar de direcção quando se pretende chegar à

um determinado lugar. Portanto, partimos para a reflexão em torno da ideia da ponte e servimo-nos da cartografia da cidade enquanto modelo inspirador para desenharmos a nossa programação cultural.

Penso que seria talvez mais eficaz dar-vos alguns exemplos da programação cultural que, de certa forma, atestam essa necessidade, essa vontade e essa exigência. O que faz particular sentido na emergência de um milénio caracterizado cada vez mais pela dissolução de todas as fronteiras.

Pensamos, neste contexto, que fazia todo sentido propor à cidade um Metro. Temos, assim, um plano de Metro que estabelece com a cidade do Porto uma relação curiosa e irónica, porque o Metro é qualquer coisa que os habitantes do Porto desejam intensamente e pela qual esperam há muito tempo. O Metro do Porto é o futuro do futuro: assumindo que 2001 é já o futuro, o Metro do Porto só estará construído no futuro desse futuro. Mas “o futuro do futuro” é também a designação de uma grande rede de conferências que organizamos ao longo de todo ano de 2001 e que tem esta configuração morfológica: um conjunto de linhas que pretendem discutir os grandes temas da contemporaneidade a partir da lógica da ligação ou, para usar a semiologia do Metro, a partir da lógica da correspondência.

Nesta perspectiva identificamos cerca de 10 linhas: a linha do genoma, a linha do corpo, a linha da sociedade, a linha da técnica, a linha da estética, a linha da ética, a linha da palavra, a linha do género. Desejavelmente esta rede aparece equívoca, não se percebe, quer dizer, as pessoas julgam que estão de facto perante um Metro, talvez o Metro de Londres, porque a sinalética é a do Metro de Londres. O Porto tem algumas afinidades com Londres e este Metro surge numa cidade que é atravessada por um rio. O rio não é nem o Tamisa, nem o Douro, chama-se rio Devir (como uma homenagem Heraclitiana) porque tem que ver, justamente, com a forma como o pensamento se processa.

Essas linhas estão dispostas de acordo com uma sequência temporal. Cada linha tem um conjunto de cerca de 10 estações. Cada estação corresponde a uma grande conferência internacional sobre um dos temas que interpelam a contemporaneidade: genoma, corpo, sociedade, etc., no qual se identificou um aspecto particular que exige discussão. Além disso, cada linha tem um maquinista, ou seja, alguém que é responsável pelo bom funcionamento da linha e que, portanto, será uma espécie de moderador do ciclo que estará presente ao longo de todo o seu desenvolvimento. Quando duas linhas se cruzam (e a lógica de cruzamento é, de facto, aquela que mais nos interessava: interessava-

nos cruzar a linha do genoma com a linha da ética, ou a linha da técnica com a linha da sociedade e depois todas elas novamente) os maquinistas também se cruzam, também estão presentes. Pretendemos com isto dizer que há naquele espaço e naquele momento uma correspondência.

No plano de pormenor este Metro estabelece no canto superior esquerdo uma interface curiosa com o aeroporto. Pode ser o aeroporto do Porto, que continua neste caso em obras (a cidade virada do avesso é também uma metáfora para nós bastante estimulante e enriquecedora), e no aeroporto a estação é ocupada pelo Dalai Lama (uma das figuras deste ciclo), uma personalidade particularmente espiritual, de maneira que a estação a ocupar deveria ser a estação que estabeleceria a interface com o aeroporto e, dessa forma, a relação imediata com as alturas.

Pensando a programação a partir desta lógica achamos, portanto, que a metáfora da cidade era particularmente inspiradora; pensamos por outro lado que devíamos intervir sobre a própria cidade. E devíamos tentar demonstrar que na cidade, na cartografia de uma cidade, não existem espaços malditos. É por isso que a programação desta área de que estou a falar, área do pensamento, acaba por terminar num espaço em que, na cosmogonia da cidade, a noção mais habitual de pensamento entra em crise, o hospital psiquiátrico. Portanto, achamos que a programação cultural deveria ir até ao espaço que no imaginário da cidade corresponde a um dos seus espaços proscritos.

Desenvolvemos, assim, para o Hospital Conde Ferreira, e tomando o mote da articulação com Roterdão, o projecto *Elogio da Loucura* que, como sabem, é o título do livro mais famoso de Erasmo. Pedimos a 6 artistas contemporâneos que fizessem um trabalho que fosse uma reflexão sobre o hospital psiquiátrico, mas também sobre a relação que o hospital psiquiátrico tem com a mobilidade. Como se vê, o tema da mobilidade é um tema central a toda nossa programação. E o tema da mobilidade e da acessibilidade, que impõe os constrangimentos que o meu colega enunciou em termos da problemática da Baixa, é também um temas centrais na programação cultural: acessibilidade e mobilidade.

Num hospital psiquiátrico, ou pelo menos na genealogia do hospital psiquiátrico, sempre existiu uma limitação à mobilidade. Nos hospitais psiquiátricos e nas prisões existia, antigamente, uma estrutura que Foucault descreveu e que se chama panóptico. O panóptico era uma torre de vigilância que limitava os doentes mentais e os presos de circularem livremente. Portanto, o panóptico era o espaço da vigilância. Sendo que o hospital psiquiátrico era um território em que se criavam particulares constrangimentos à mobilidade,

achamos ser interessante que, sob o ponto de vista formal as intervenções desses 6 artistas reflectissem também essa ideia de mobilidade.

Pedimos, então, a um artista plástico (que pinta), que fizesse um conjunto de auto-retratos e que ensinasse 4 doentes mentais a pintar, por forma a que eles próprios fizessem o seu auto-retrato. Fomos desenvolvendo o conjunto dos projectos em direcção, justamente, a essa ideia de (i)mobilidade. “Elogio da Loucura” vai desde o auto-retrato, pintura que é, sob o ponto de vista físico uma construção imóvel, passando pela quase mobilidade da instalação, até à mobilidade da performance, terminando na mobilidade total da ocupação de todo o espaço. Intervimos, obviamente, com a contingência de todos os constrangimentos clínicos e éticos que uma intervenção desta natureza impõe, mas tentando, justamente, demonstrar que por um lado o hospital psiquiátrico é um espaço excelente para se fazer uma reflexão sobre a mobilidade e sobre a liberdade, e, por outro lado, mostrar que na topografia das cidade, não devem existir espaços malditos e que, no âmbito duma Capital Europeia da Cultura, toda cidade se deve mostrar sem medo, sem pudor. Toda a cidade é cidadã.

Esta lógica que desenhamos para a programação de pensamento é também a lógica que animou a programação da área da ciência. Na área da ciência era fundamental fazer o seguinte: olhar para a cidade, olhar para o seu mapa, e identificar os seus locais de investigação científica (tanto os locais em funcionamento actualmente, e os locais que pertencem àquilo que podíamos chamar arqueologia científica da cidade, ou seja, os locais que já não existem). E a partir da colocação desses diferentes locais no mapa da cidade, da sua identificação, tentar criar um conjunto de percursos que de certa forma pudessem ser, por um lado, percursos sobre a cidade mas, por outro lado, percursos à volta do conhecimento (“Mapa da Ciência”).

A proposta é descobrir vários sentidos na cidade por forma a revelar a cidade dos sentidos, mas revelar também a cidade científica.

O resultado é um mapa um pouco anamórfico, um mapa destorcido que é simultaneamente um mapa da cidade do Porto e um mapa do conhecimento, um mapa do conhecimento contemporâneo. Por outro lado, a ideia de mapa está particularmente associada à ideia do prazer da descoberta. É o mapa do tesouro. E o conhecimento contemporâneo, e a ciência enquanto matriz explicadora do mundo, podem associar-se e podem cruzar-se ludicamente com esta situação. Uma Capital Europeia da Cultura não era uma oportunidade para dar subsídios à investigação, mas era uma oportunidade para fazer ciência viva, não na perspectiva que o Ministério da Ciência vinha fazendo (essa já estava

feita), mas na perspectiva da criação de uma nova territorialidade científica. Este projecto funciona também como um manifesto político no sentido de tentar demonstrar que a cidade é um espaço de cidadania e que a ciência deve ser uma oportunidade para aprofundar essa cidadania. Não faz sentido que os diferentes territórios da investigação fiquem fechados sobre o seu umbigo, sobre a sua pequena territorialidade, fazendo a sua pequena investigação. Era também necessário dinamitar as paredes que enclausuram os vários territórios de investigação e fazer com que comunicassem. Pareceu-nos, assim, que este projecto poderia ser particularmente estimulante e, simultaneamente, provocatório.

Ainda na perspectiva da mobilidade, e no âmbito da programação científica, achamos que um desafios mais consequentes seria cruzar a ciência com aquilo que, de certa forma, no âmbito do conhecimento é a outra face do conhecimento: a arte. E assim, propusemos o projecto *A Experiência do Lugar*. Neste projecto, em 10 locais de investigação científica da cidade do Porto 10 artistas contemporâneos vão fazer uma residência. Não vão fazer pintura à vista, instalação à vista, não vão chegar lá e dizer que espaço tão divertido, tão engraçado, tão cénico, não vão fazer aqui uma pequena intervenção. Não. Eles vão estar lá durante 2 ou 3 meses e vão tentar perceber, tanto quanto possível, o que é que nesse espaço se faz para produzirem uma obra em articulação com um cientista designado em cada um desses espaços que é também uma obra de interface entre o conhecimento científico e o conhecimento artístico. Por exemplo, trabalhando num Laboratório de Microscopia Electrónica um artista poderá fazer uma obra que só visível através do microscópio electrónico, porque introduziu, através duma sonda, um pequeno corante dentro da célula que ela vai utilizar de uma determinada forma, mas que só é visível através do microscópio electrónico. Trabalhando numa Faculdade de Engenharia um artista, que tem alguns conhecimentos tecnológicos, vai produzir, vai associar-se à equipa que trabalha com problemas ambientais no sentido de encontrar um sistema de depuração do ar que possa ser funcionalmente eficaz e esteticamente apelativo...

Importa, assim, fazer uma revisitação de espaços previsíveis de uma forma imprevisível. Seria, também, interessante, voltar aos espaços tradicionais (espaços tradicionais no âmbito de uma Capital Europeia da Cultura) e fazer tudo ao, continuar a virar a cidade do avesso. E assim fizemos, ainda no âmbito da programação científica, com o projecto a *Fábrica do Corpo Humano*. É um projecto que se inspira no trabalho de um anatomista do Século XVI, André

Vesálio, que trabalhou o movimento a partir do estudo da morfologia do corpo. A ideia era fazer uma reflexão acerca do movimento: o problema da mobilidade é um problema central a toda esta programação: agora utilizaríamos aquelas pessoas que no imaginário da cidade são as pessoas que melhor se movem: os desportistas.

Convocamos, para tal, um leque variadíssimo de desportistas, desde boxeirs a maratonistas: o Porto é uma cidade particularmente conhecida pela mobilidade dos seus maratonistas (temos uma campeã olímpica e uma campeã do mundo). Tentamos criar uma narrativa motora a partir da articulação dos vários gestos associados a cada uma dessas modalidades. Mas este projecto não poderia ser um sarau desportivo no teatro municipal, sim uma coreografia, uma coreologia, que envolve também uma dramaturgia contemporânea e que vai levar a esse palco, onde a cidade de certa forma se revê e se identifica, variados desportistas. No palco de um teatro pessoas que jogam boxe deixam de ser boxeirs (?), aquele acontecimento deixa de ser uma luta de boxe e passa a ser uma performance. Estamos a levar a noção de ready-made, que é uma noção explorada pelas artes plásticas nos anos 20 com Duchamp e o seu famoso mictório. O mictório do Duchamp nos anos 20 foi levado para o museu e ganhou o estatuto de obra de arte, neste caso estamos a levar movimentos, pequenas atitudes motoras, para o palco de um teatro, estamos a entendê-los como um ready-made, que vamos usar, na medida em que vamos cortar dos movimentos aquilo que nos interessa e a partir daí construir uma nova gramática motora, que se transformará numa particularmente interessante coreografia, espero eu (!).

Portanto, isto permite também, curiosamente, e ainda de acordo com essa lógica da mobilidade, uma reflexão interessante acerca do público. Na plateia também vai acontecer performance, Porquê? Porque algumas das pessoas que irão ver este espectáculo serão as pessoas que iriam ver o Bill T. Jones ou outro coreógrafo contemporâneo ao Rivoli, e que agora ficarão surpreendidas pelo facto de aí acontecer boxe, futebol e maratona. Mas estarão também as pessoas que iriam ao Estádio das Antas ver futebol ou que iriam ao pavilhão Acácio Lello ver uma luta de boxe e, portanto, a esse nível, continuamos a explorar essa reflexão em torno da mobilidade.

Falaria também um pouco da forma como, para a literatura, desenvolvemos essa ideia de mobilidade. Ela foi inspirada no conjunto de acontecimentos que se desenvolvem quando uma pessoa abre um livro. Quando eu abro um livro, não trouxe nenhum mas simulo, acontecem 3 coisas: Os personagens que estão dentro do livro saltam cá para fora e, portanto, movem-se pela cidade, eu próprio, leitor, mergulho dentro do livro, fico lá, dentro do seu espaço físico, e nesta

suavíssima interface entre o salto para fora e o mergulho para dentro aparece um elemento fundamental que é o autor. O programa à volta da literatura deveria, assim, desenvolver-se em torno destas 3 linhas de actuação. O facto dos personagens saltarem cá para fora permitiu novamente desenvolvermos um programa literário à volta da ideia de cidade e da ideia de mobilidade pela cidade. O que fizemos? Pedimos a um importante escritor do Porto, Mário Cláudio, que fizesse a revisitação de toda a literatura portuguesa que tivesse que interpelasse o Porto e na qual existissem personagens que se cruzassem com a própria cidade. E o que ele vai fazer é uma actualização dos percursos desses personagens ou seja, ele vai convidar um conjunto de pessoas a tentar perseguir com ele os personagens dos livros da história da literatura desde o Fernão Lopes até ao Camilo e ao Garret: os personagens que entretanto se perderam e se disseminaram pela cidade. Este projecto chama-se *Letras em Trânsito* e é também um curioso exercício à volta da... mobilidade.

A cidade física cruza-se com a cidade já sedimentada sob o ponto de vista imaginário — a cidade que os vários escritores criaram para o Porto.

Relacionando-se com este projecto e tendo ainda que ver com a necessidade de inventar a cidade, propusemos *PortoFicção*: uma antologia de 15 histórias à volta do Porto. Foram convidados 15 escritores com diferentes graus de relação com a cidade: escritores que vivem na cidade e que supostamente a conhecem bem, mas também escritores internacionais que mal a conhecem. Estes ficaram um pouco perplexos “mas como é que vou escrever sobre uma cidade que não conheço!” E o que nós lhes dissemos foi, justamente, isso “façam desta cidade uma cidade qualquer. Não esperem que lhes paguemos a viagem para vir ao Porto conhecer o Porto porque não vamos pagar! O que nós queremos é que nem todos vocês conheçam toda a cidade para no fim ficarmos com uma antologia das diferentes modalidades de relação de um escritor com uma cidade a partir dos graus de conhecimento que os diferentes escritores têm com esta cidade”. Sendo ficcionistas muito diferentes sob o ponto de vista da técnica narrativa, seria também interessante ficar, no fim, com uma antologia que fosse mais do que uma antologia que reinventasse a cidade — dentro daquela antologia sobre o Porto aparecerão 15 Portos e 15 portos (no sentido de locais de partida), mas também 15 modalidades ficcionais que, penso eu, permitirão esta tal lógica de cruzamento, porque as pessoas circularão dum conto para outro, com a facilidade acicional de transportarem o livro (e as suas múltiplas cidades) para a cama.

BRANCA